SÍNTESE DE UMA PESQUISA SÔBRE ALUNOS ADULTOS DE CURSO PRIMÁRIO

FRANCO L. P. SEMINÉRIO

INTRODUÇÃO

I – PREMISSA

Tendo sido incumbido pela chefia do 1.º D.E.S. (da Divisão de Educação Primária Supletiva, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Guanabara) para proceder a uma pesquisa no intuito de aferir as possíveis causas de dificuldades evidenciadas pelos alunos de curso supletivo, procedemos, inicialmente, a uma investigação preliminar, numa escola de primeira categoria, do centro da cidade. Os resultados dêsse trabalho são aqui apresentados, em síntese.

A observação já nos havia mostrado que os alunos do ensino supletivo se distribuem geralmente em duas categorias distintas (embora entre ambas exista certa faixa intermediária):

1) alunos de inteligência normal que carecem de cultura, mas apresentam boa receptividade para podê-la assimilar, através de aprendizagem sistematizada;

2) alunos de inteligência subnormal sem plasticidade suficiente para poderem assimilar os aspectos simbólicos e referenciais da vida cultural. Apresentam, portanto, rigidez e pouca permeabilidade aos aspectos abstratos da aprendizagem.

Êstes últimos quase sempre ingressam nos primeiros níveis uma vez que pouco conseguiram assimilar da experiência vital, sempre que esta se tenha desenrolado na cidade (diferente é o caso dos que provêm de ambiente rural). A maior parte dêstes alunos não alcança a conclusão do ensino primário.

Em compensação observa-se que a maioria dos alunos que concluem o primário já ingressam em níveis intermediários ou até finais, uma vez que, tendo inteligência normal, se colocam em condições de assimilarem conhecimentos por diferentes caminhos, no decorrer de sua vida.

Nesta constatação empírica, teve-se o ponto de partida para o presente trabalho.

II — OBJETIVOS

1 — Verificar as dificuldades intelectuais, pedagógicas e emocionais com que se defronta o aluno de ensino supletivo. [1]

2 — Estabelecer uma escala de percentis dos escores obtidos em todos os alunos da escola e, especificamente, para os diversos níveis.

3 — Averiguar a correlação entre o nível mental, os resultados pedagógicos e o índice de deserção dos alunos (de acôrdo com quanto fôra exposto na premissa).

4 — Oferecer sugestões práticas, a fim de que a escola supletiva venha a atender, não sòmente àquela parte dos alunos que, por suas condições intelectuais, consiga terminar o currículo oficial, mas, sim, também àquela grande parte que, carecendo dêsse mínimo, não consegue concluir o ensino primário oficial.

III — PLANEJAMENTO

O trabalho foi dividido em quatro partes:

1 — ESTUDO DE NÍVEL MENTAL dos alunos;

2 — ANÁLISE DAS FLUTUAÇÕES registradas — nos aspectos de continuação ou deserção dos alunos — partindo do grau *preliminar* de 1960 até 1964;

3 — VERIFICAÇÃO COMPARATIVA PEDAGÓGICO-PSICOLÓGICA, sôbre os resultados de conclusão do 2º quadrimestre de 1964 e de nível mental revelado pelos testes dos alunos;

4 — SÍNTESE INTERPRETATIVA dos dados colhidos.

1) Devido à dificuldade de obter, inicialmente, colaboradores, para êste trabalho, foi eliminada, nesta primeira fase, a verificação sistemática das dificuldades emocionais.

IV – EXECUÇÃO

1 – Para o ESTUDO DO NÍVEL MENTAL, foram os alunos submetidos ao Teste de Matrizes Progressivas de J. Raven (cêrca de 400 alunos da Escola 5-II-1, Tiradentes). A escolha do teste deve-se a certas características básicas que o mesmo apresenta (aferição do presumível "Fator G" – dentro da conceituação teórica de Charles Spearman – gradação excepcionalmente bem elaborada, etc.). Foi inicialmente superada uma dificuldade específica, com tais alunos, ligada à compreensão do uso da fôlha de respostas, o que exigiu instrução prévia.

Feita a apuração foram separados e eliminados (para levantamento das escalas e demais verificações) todos os casos cujo resultado seria de dúbio significado, visto não terem entendido as instruções do teste, reduzindo-se, assim, o grupo avaliado, a *370 alunos,* isto é, a cêrca de 90% dos alunos da escola.

Convém contudo notar que, entre os casos assim eliminados, encontra-se a maior parte dos elementos baixamente dotados da escola, que não figuram portanto na escala levantada.

2 – Para a ANÁLISE DAS FLUTUAÇÕES registradas – nos aspectos de continuação ou deserção dos alunos – foi feita uma verificação através das atas de conclusão de cada período, partindo do *preliminar* que existia na escola em 1960 e até 1964, a fim de averiguar os nomes que se repetiam e desapareciam, bem como a entrada de alunos novos e o nível em que ingressavam. Foi assim possível fixar um quadro geral dessas flutuações. (V. QUADRO IV).

3 – De posse das atas de conclusão do 2.º quadrimestre de 1964 foi possível realizar uma VERIFICAÇÃO COMPARATIVA PEDAGÓGICO-PSICOLÓGICA correlacionando os dados de um campo e de outro (por um lado os resultados de aprovação-reprovação-falta, etc. e por outros os resultados dos testes, consoante ao item 1).

4 – Com base nos dados colhidos, de acôrdo com os três itens acima, foi tentada uma SÍNTESE INTERPRETATIVA.

LEVANTAMENTO

I — ESTUDO DO NÍVEL MENTAL DOS ALUNOS

Feito o levantamento dos testes, obtiveram-se as freqüências abaixo, de acôrdo com as diversas turmas da escola:

QUADRO I

Distribuição das Freqüências nas Diversas Turmas

Escores	2.º N	3. Nível		4.º Nível		5.º	6.º Nível		Complement.			TOTAL
56-60	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	0
51-55	—	1	—	—	—	—	3	—	2	—	—	6
46-50	—	1	—	—	2	1	3	3	4	2	2	18
41-45	3	3	—	3	2	5	2	3	7	9	4	41
36-40	1	2	3	4	5	4	5	9	8	5	9	55
31-35	2	9	2	6	9	5	7	4	6	2	9	61
26-30	8	6	5	5	3	2	5	3	2	3	3	45
21-25	8	6	4	4	7	6	3	5	2	1	4	50
16-20	7	6	10	8	4	5	3	4	1	1	6	55
11-15	3	3	4	4	8	1	1	4	1	3	2	34
6-10	—	—	2	1	—	—	—	1	—	—	—	4
1- 5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1

Se calcularmos a mediana, em cada turma, encontraremos:

NÍVEL 2	—	24,25
" 3	—	28,40
" 3	—	20,00
" 4	—	26,00
" 4	—	27,16
" 5	—	31,00
" 6	—	33,36
" 6	—	31,75
Complementar	—	38,00
"	—	38,50
"	—	32,72

Se reportarmos, num gráfico, os totais de tôda a escola (conforme a última coluna do quadro da página anterior), teremos:

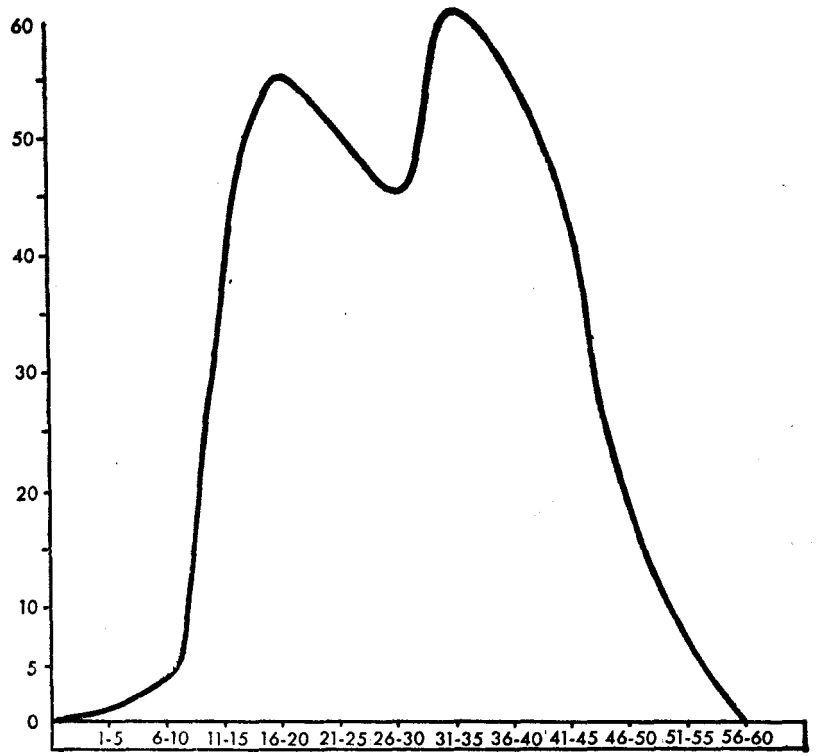


FIG. 1 — Gráfico da Distribuição Geral de Freqüência dos Escores obtidos por 370 alunos no Teste de Matrizes Progressivas de J. Raven

A curva obtida nos leva a supor, na escola, uma heterogeneidade que dividiria, fundamentalmente, os alunos em dois grupos:

a) alunos de inteligência normal;

b) alunos de inteligência subnormal.

Salientamos que tal heterogeneidade, além da comprovação empírica que encontra habitualmente, através das observações de cada professor, parece

também confirmada pelos dados referentes às deserções de que falaremos mais adiante.

Traçando agora o gráfico das freqüências acumuladas, teremos:

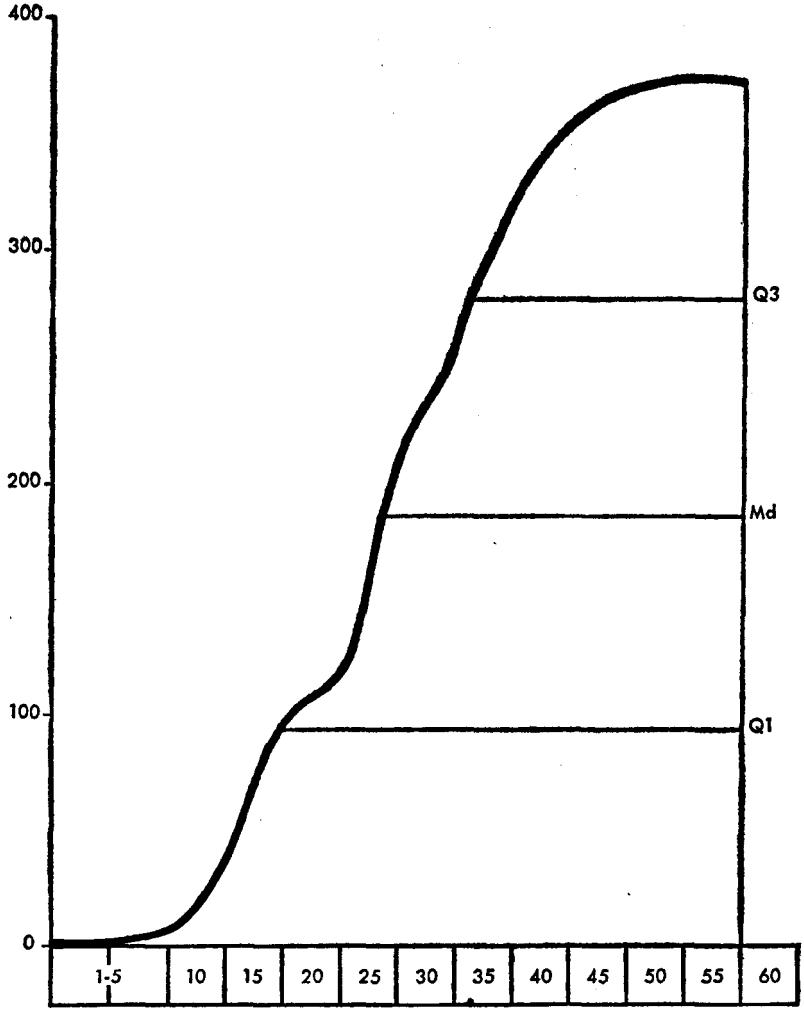


FIG. 2 — Gráfico das Freqüências acumuladas dos Escores obtidos por 370 alunos no Teste de Matrizes Progressivas de J. Raven

A escala decorrente desta distribuição será, portanto:

QUADRO II

Distribuição dos Escores, em Percentis

ORDEM	ESCORES	OBSERVAÇÕES
99	52,41	
97	49,08	
95	47,30	
90	43,92	
80	39,70	
3.º QUARTIL 75	38,00	
70	36,32	
60	33,21	
MEDIANA 50	30,05	— MÉDIA = 29,52
40	25,95	
30	22,20	
1.º QUARTIL 25	20,36	
20	18,68	
10	15,21	
3	12,50	
3	11,40	
1	8,88	

Assinalamos que o criador do teste, J. Raven, numa amostra de adultos de diversas idades, constituída por 3 665 soldados e 2 192 civis, obteve as medianas abaixo:

20 anos — mediana 44

25 " — " 44

30 " — " 42

35 " — " 40

Como se pode observar, o percentil 90, obtido na escola, aproxima-se da mediana da amostra de J. Raven, o que significa que cêrca de 90% dos alunos apresentaram resultado inferior à mediana dessa amostra.

Se procedermos a um agrupamento de acôrdo com os diversos níveis da escola, e fizermos a demarcação da mediana, dos quartis e dos percentis extremos, teremos o seguinte quadro:

QUADRO III

Distribuição das Freqüências nos Diversos Níveis

PONTOS	2.º NÍVEL	3.º NÍVEL	4.º NÍVEL	5.º NÍVEL	6.º NÍVEL	COMPL.	
56-60	–	–	–	–	–	–	
51-55	–	1	–	–	3	2	
46-50	–	1	2	1	6	8	P95
41-45	3	3	5	5	5	20	
36-40	1	5	9	4	14	22	Q3
31-35	2	11	15	5	11	17	Md
26-30	8	11	8	2	8	8	
21-25	8	10	11	6	8	7	Q1
16-20	7	16	12	5	7	8	
11-15	3	7	12	1	5	6	P5
6-10	–	2	1	–	1	–	
1-5	–	–	–	–	–	1	
MEDIANA	24,25	24,75	26,44	31,00	32,77	36,07	

O decréscimo desta mediana poderia ser assim representado:

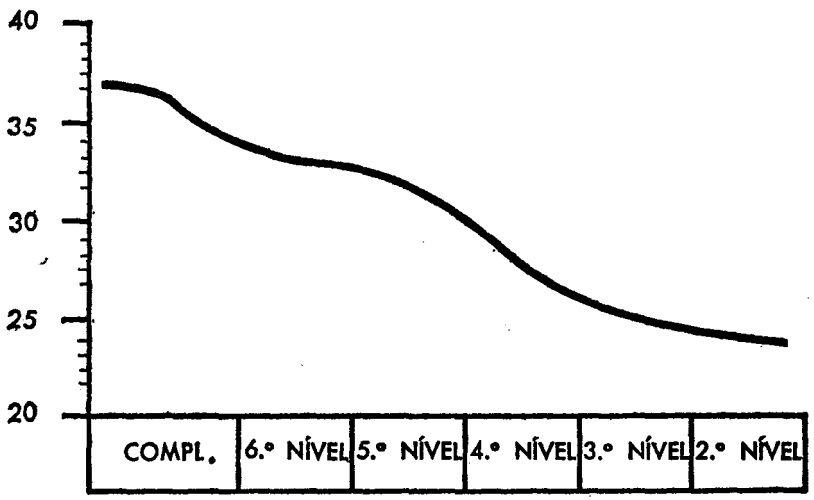


FIG. 3 — Decréscimo da mediana nos diversos níveis

Êste gráfico indicaria que a passagem de um nível para o outro já constitue certa triagem no sentido de ir reduzindo o acesso aos menos dotados intelectualmente.

II — ANALISE DAS FLUTUAÇÕES

Analisando a continuação e deserção (consoante ao que foi exposto no item IV.2 da Introdução), foram levantados diversos quadros visando averiguar, essencialmente, quantos alunos conseguiram alcançar o 6º e último nível do Curso Básico, chegando-se assim a uma idéia, bastante clara, do nível em que a maioria de tais alunos teria ingressado na escola.

O quadro de síntese dêsse movimento é o que se dá a seguir. Nêle foi resumido o movimento de acesso ao 6º nível dos alunos que haviam ingressado na escola a partir do *preliminar* em 1960 e, sucessivamente, nos níveis acima dêste, concomitantemente aos alunos que dêle procediam (isto é, o movimento do 6º nível entre 1962 e 1964).

QUADRO IV

Síntese do Movimento de Acesso e Conclusão do 6.º Nível Entre 1962 e 1964

Discriminação	Total Alunos	Nível de Acesso dos Alunos na Escola					
		Prelimin.	1.º Ano	3.º Nível	4.º Nível	5.º Nível	6.º Nível
Admitidos ao 6.º nível	135	1	12	13	13	39	57
(em percentagens)	100	1	9	10	10	29	41
Reprovados	61	—	4	7	6	17	27
Aprovados	74	1	8	6	7	22	30
(em percentagens)	100	1	11	8	10	30	40

Num gráfico, êstes resultados assim se representam:

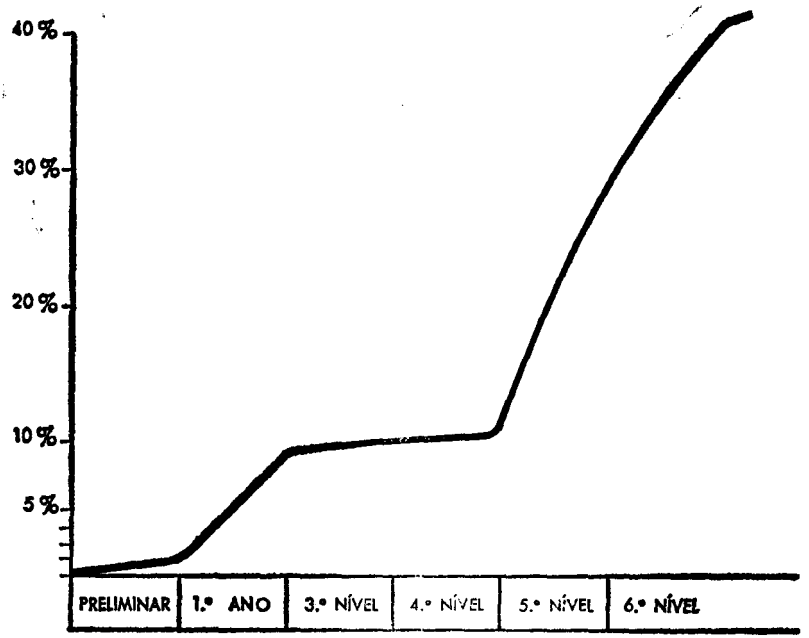


FIG. 4 — Gráfico do movimento de acesso ao 6.º nível no período de 1962 a 1964.
NOTA: Na abscissa figuram os anos e níveis em que haviam ingressado na escola os diversos alunos. Na ordenada a percentagem de alunos.

Verifica-se assim que, no período de 1962-1964 a maioria dos alunos que conseguiram concluir o curso primário ingressou na escola nos últimos dois níveis (5º e 6º) e que apenas um único aluno conseguiu, nesse período, partindo do *preliminar,* alcançar o *complementar*.

Ressalva Importante: *Queremos atribuir aos dados específicos desta parte de nossa pesquisa um valor puramente indicativo, uma vez que não é possível considerar os resultados dêsse aspecto como definitivos, e tampouco suficientes para exprimir a natureza das flutuações.*

Tal dúvida não invalida as nossas ulteriores conclusões, embora êste dado pudesse corroborá-las.

Julgamos oportuno consignar as razões que nos levam a considerar êste aspecto apenas indicativo e não expressivo do fenômeno:

1 — *Amostra não significativa para um fenômeno social dessa natureza que permite flutuações de uma escola para outra.*

2 — *Período inadequado focalizado, uma vez que houve a interferência de dois fatôres extranhos:*

— *A modificação dos antigos "anos" para os atuais "níveis";*

— *A admissão de novos professôres na escola, pelo concurso de 1962, com a formação de novas turmas. Seria necessário, para poder tirar conclusões, efetuar um levantamento* desta natureza em tôdas as escolas.

III — VERIFICAÇÃO COMPARATIVA PEDAGÓGICA — PSICOLÓGICA

Comparando os resultados pedagógicos e o índice de nível mental, expresso em pontos obtidos no teste de Matrizes Progressivas de J. Raven, turma a turma, obtivemos dados valiosos. Reunindo os resultados das diversas turmas de acôrdo com a distribuição de níveis, e reportando num quadro geral êsses resultados, conseguimos verificar as relações que seguem:

QUADRO V

Média dos Escores nos Diversos Níveis

Nível ou Curso	Média de Pontos Verificada		Diferença (entre os (dois grupos	
	Aprovados	Reprovados e Faltosos	Bruta	Percentual
2.º Nível	26,82	23,47	3,35	14
3.º "	26,81	22,74	4,07	18
4.º "	28,98	22,04	6,94	32
5.º "	35,19	23,46	11,73	51
6.º "	37,48	26,79	10,69	41
Complementar	35,54	31,28	4,26	14

E' importante observar com cuidado a flutuação do desvio que se verifica, entre a média dos escores obtidos pelo grupo de alunos aprovados e a média do outro grupo (reprovados e faltosos) . Parece oportuno para êsse fim levantarmos um duplo diagrama:

1 — Gráfico das curvas de evolução dessas médias — do grupo dos aprovados e do grupo de reprovados e faltosos — em primeiro lugar.

2 — Gráfico da diferença percentual entre essas duas médias, nos diferentes níveis; notando-se que essa diferença percentual foi calculada — na tabela acima — em relação à média mais baixa, isto é, em relação à média dos reprovados e faltosos.

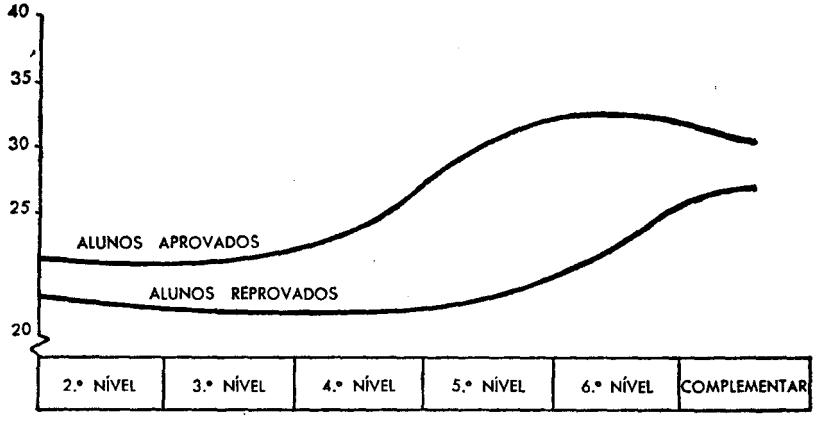


FIG. 5 — Gráfico da média dos Escores nos diversos níveis

As duas curvas se aproximam nos níveis 2 e 3, para sofrerem um afastamento progressivo, até o 5.º nível, e voltarem a aproximar-se no *complementar*. Essa diferença ressalta no gráfico seguinte, em que se representa a diferença percentual entre ambas.

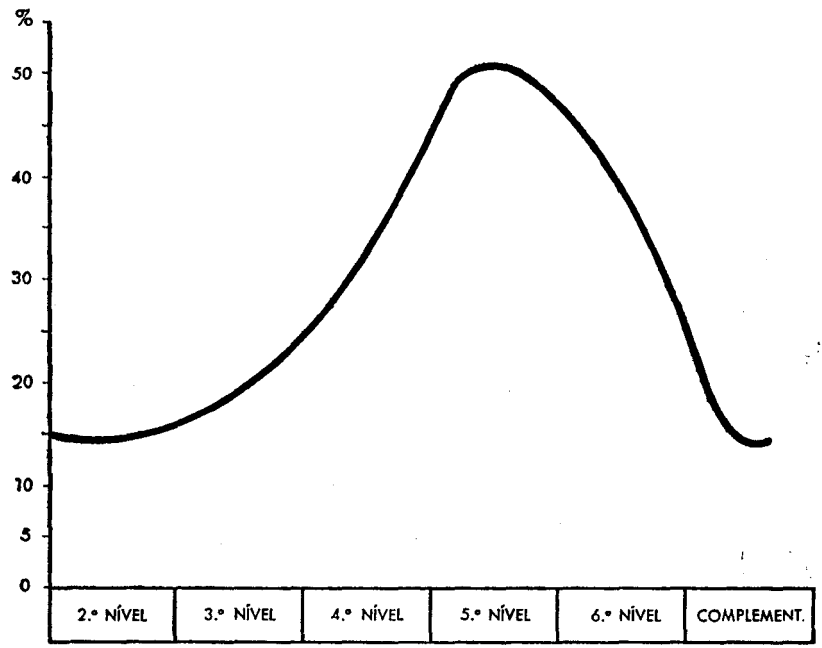


FIG. 6 — Desvio entre a média dos Escores obtidos pelo grupo de aprovados e pelo grupo de reprovados (em percentagem)

Analisando os números que êstes últimos dois gráficos fornecem, notamos:

1.º — A curva dos aprovados mostra rápida elevação nos níveis 4.º e 5.º. É importante notar que, para lograr aprovação em nível *complementar,* não parece ser necessário um nível superior ao que esta amostra acusaria para obter aprovação no 5º, ou no 6º nível. Logo, podemos supor que o aluno dotado de capacidade satisfatória para concluir bem o 5.º nível esteja em condições de poder terminar o curso primário (inclusive o *complementar*), sem grande dificuldade.

Por outro lado parece existir uma relativa afinidade nesse mesmo sentido, entre o 2.º e 3.º nível que se estende em parte ao 4.º que funcionaria, contudo, como linha demarcadora entre os *níveis inferiores* (2.º e 3.º, presumìvelmente, o 1º, que não foi contudo objeto de nossa pesquisa por não existir naquele momento na escola) e os *superiores* (5.º, 6.º e *complementar*).

2º — Já a curva dos reprovados e faltosos evidencia outra situação: notamos de fato uma continuidade quase uniforme até o 5º nível; sòmente no 6º

nível e no *complementar* há sensíveis e sucessivas elevações. Isto nos mostra que certo número de alunos, escassamente dotados, *consegue arrastar-se até o 5º nível,* onde a própria natureza do programa se encarrega de *eliminar* (mediante reprovação ou por desistência) grande parte dêsse grupo. A elevação máxima (da curva de reprovados e faltosos), que se registra entre o 6º nível e o *complementar,* corresponderia à existência de uma triagem mais severa (prova objetiva padronizada), que limitaria o acesso ao *complementar* apenas a certo grupo de alunos mais bem dotados. [2] É importante observar, nesse sentido, que a média obtida pelo grupo de reprovados ao *complementar* é superior à mediana geral da escola, o que — com certas restrições — nos permitiria supor que cêrca de metade dos alunos (exatamente a metade abaixo dessa mediana) não apresenta as condições necessárias para alcançar o *complementar,* mesmo para ser reprovado nesse nível — e, portanto, para *concluir o ensino primário, de acôrdo com os programas oficiais.*

3º — O maior desvio entre a média dos aprovados e a média dos reprovados e faltosos exprime, de forma bastante clara, as dificuldades encontradas no ensino por um e outro dos grupos. Calculada, em percentagem, sôbre a média mais baixo (dos reprovados), torna-se expressiva para indicar o esfôrço que êstes deveriam fazer para conseguir aprovação. A distância é máxima no 5º nível, o qual deve ser, portanto, o primeiro em que realmente surge dificuldade de continuação para os alunos menos dotados. (Seria necessária uma análise cuidadosa da graduação dos programas no 4º e 5º níveis, para melhor compreensão do fenômeno). Decresce, essa distância no 6º nível (embora mantendo-se muito elevada) para diminuir sensìvelmente no *complementar,* (onde volta à mesma distância dos níveis iniciais). Isto viria corroborar a tese da existência de dois grupos definidos, quanto ao nível de dotação intelectual. A cisão entre os dois se efetuaria entre o 5º e o 6º nível para se estabelecer homogeneidade final no *complementar.* (Nota-se que, nos primeiros níveis, onde se avolumaria a maioria do grupo dos menos dotados, dá também maior homogeneidade).

•
• •

2) Será preciso evitar uma interpretação de caráter absoluto. Está considerações valem para os *grupos,* com sua franjas e casos excepcionais. Aliás, é curioso observar que o mais baixo resultado dos testes (exceptuados os casos mais graves, que não chegaram a executar convenientemente o teste e, como se explicou, eliminados da distribuição) foi registrado num nível *complementar.* Trata-se, na realidade, de aluno que alcançou o *complementar,* sem que apresentasse — conforme testemunho do professor — condições para entender as aulas e acompanhar a turma.

O aspecto mais significativo de nossa verificação decorre, contudo, da correlação encontrada entre os resultados pedagógicos individuais e os escores respectivos no teste aplicado. Escolhemos para êsse fim uma turma de 6º nível, com documentação mais objetiva dos resultados pedagógicos, pois, nesse nível, além da nota mensal atribuída pelo professor, fêz-se uma *prova objetiva* preparada para todo o distrito escolar. Foi ela acuradamente organizada, visto que decide do *certificado de conclusão do curso primário*. Torna-se, assim, elemento a considerar no cálculo de eventual valor preditivo dêsse teste para a aludida conclusão. Entre os dois sextos níveis existentes na escola, selecionamos o que não havia sofrido qualquer perturbação, como mudança de professor, por motivo de licença.

Dentre os 37 alunos dessa turma, 4 não compareceram às provas finais e outros 4 não se submeteram ao teste. A correlação teria de ser estabelecida entre os resultados nos 29 alunos restantes, a saber:

a) No escore do teste de Matrizes Progressivas (x):

b) Na média final (média das notas mensais e da prova final, em tôdas as matérias, isto é, linguagem, matemática e conhecimentos, sem qualquer ponderação): (y)

Os resultados foram (N = 29):

$$M_x = 31{,}14 \qquad M_y = 57{,}62$$
$$\sigma_x = 10{,}88 \qquad \sigma_y = 12{,}81$$

$$r = .64$$

Salientamos que esta correlação parece-nos excelente, vindo assim corroborar muitos aspectos de nossa pesquisa.

IV – SÍNTESE INTERPRETATIVA

Reunindo os dados anteriormente colhidos, observamos que:

1) A distribuição dos resultados do teste de nível mental parece sugerir a presença de dois grupos relativamente diferenciados de alunos, no tocante à capacidade intelectual. Observamos também que, entre os alunos atual-

mente existentes na escola, cêrca da metade estaria abaixo do nível desejado para conclusão do ensino primário;

2) A verificação da continuidade e deserção, no período entre 1960 a 1964, mostraria que 70% dos alunos que terminaram o curso primário, já ingressou nos níveis mais elevados (5º e 6º), tendo-se dispersado a grande maioria dos alunos que ingressaram nos primeiros níveis;

3) Entre o grupo dos aprovados e o dos reprovados e faltosos, nota-se uma diferença apreciável no 5º e 6º nível, havendo certa homogeneidade abaixo e acima dêsses níveis.

Parece, portanto, que podemos admitir pelo grau de inteligência duas espécies de aluno; de inteligência normal (plásticos) e pouco dotados a êsse respeito (rígidos).

1º — *Alunos de inteligência normal*. Evidentemente trata-se de indivíduos que, dispondo de substrato anátomo-fisiológico adequado, tiveram — dentro do prazo biológico oportuno (da primeira infância à idade escolar) — solicitações ambientais convenientes [3] para desenvolverem e "alimentarem" êsse substrato e para lograrem assim uma normal maturação intelectual, ainda que não tenham conseguido suficiente *informação,* no plano cultural.

São alunos que podem concluir o curso primário dentro dos moldes do currículo oficial, ou continuar sua aprendizagem escolar em nível secundário.

Convém notar que, via de regra, chegam ao supletivo já com uma relativa bagagem. Nesse caso, podemos distinguir as seguintes hipóteses: [4]

1.1 — Aluno que tenha estudado na infância. Se de inteligência normal, não terá esquecido totalmente o que aprendeu; pelo contrário, a experiência vital corroborou certos conhecimentos; terá, ademais, plasticidade para recuperar o que foi olvidado;

1.2 — Aluno que não teve condições para estudar na infância. caso em que duas possibilidades se apresentam:

---

3) Quanto ao papel da experiência no desenvolvimento intelectual parecem-nos plenamente satisfatórios os resultados das recentes pesquisas de D.O. Hebb, o que nos leva portanto a firmar êste ponto de vista.

4) Estas hipóteses em parte inferidas através dos dados colhidos neste trabalho, fundam-se também no histórico de diversos alunos observados e poderiam representar o ponto de partida para uma investigação ulterior. Para êsse fim fôra elaborado um questionário especifico.

1.2.1 — Aluno criado em ambiente citadino; quando normal, teve oportunidade de informar-se, embora com certas limitações;

1.2.2 — Aluno criado em ambiente rural; caso em que poderá ingressar no curso supletivo inteiramente carente de cultura, mesmo se dotado de inteligência normal. [5]

2º — *Alunos pouco dotados intelectualmente*. As causas desta deficiência mereceriam averiguação aprofundada. Queremos contudo consignar três hipóteses fundamentais:

2.1 — Substrato anátomo-fisiológico inadequado. Inúmeras causas, de ordem citológica, evolutiva, fisiológica ou patológica podem determinar tal situação, geralmente sem perspectivas de completa recuperação, mas, apenas, de adaptação ou readaptação;

2.2 — Carência de condições adequadas para um desenvolvimento satisfatório no período da maturação. Também neste caso, vencido o prazo biológico para se efetuar essa evolução, bem pouco será possível recuperar posteriormente;

2.3 — Processos inibitórios decorrentes de vivências ou situações psicógenas. Neste caso seria *teòricamente* possível tentar uma recuperação, muito embora exigisse um trabalho psicoterapêutico por vêzes inacessível às possibilidades financeiras do aluno, dada a sua extensão no tempo.

São êstes alunos que constituem um impasse difícil e algo doloroso no trabalho dos professôres. Representam um problema de ordem social e humano muito grave, cuja solução demandaria uma série de providências fora dos moldes padronizados que caracterizam os currículos escolares.

---

5) Convém salientar, contudo, que êste caso esbarra num outro problema, uma vez que o ambiente rural, geralmente, oferece solicitações mais precárias para desenvolver (durante o período da maturação) a capacidade intelectual do indivíduo. A êste fato cremos se deva atribuir a sistemática inferioridade dos resultados nos testes de nível mental em ambiente rural, quando comparados com os resultados do ambiente citadino. Mòrmente, se se levar em conta que a vida rural solicita a inteligência num rumo essencialmente concreto-pragmático, ao passo que a vida escolar exige, essencialmente, capacidade simbólica e referencial, ou, justamente, o que os testes costumam aferir.

CONCLUSÃO

Cremos que, nesta altura, antes de uma conclusão final, caiba esta pergunta: O que busca, o aluno do ensino supletivo, na escola?... Não nos parece difícil entender seus objetivos ou, pelo menos, a finalidade última de seus anseios. Em todos os casos que tivemos modo de sondar encontramos um denominador comum: o que o aluno realmente procura é uma melhora efetiva de suas condições vitais, sendo a escola recurso para isso. Espera, quase sistemàticamente, graças a mais alta aquisição cultural, uma melhoria profissional, sob os mais diversos aspectos (promoção ou mudança de emprêgo ou de profissão). Poderíamos talvez afirmar que êle busca, mesmo sem clara consciência dêsse fato, um melhor aproveitamento de suas capacidades virtuais.

Devemos então perguntar: estará a escola realmente atendendo a tal anseio?

Sem dúvida podemos responder afirmativamente no tocante aos alunos que conseguem terminar o currículo. Terão êles, òbviamente, vencido uma importante etapa que poderá abrir-lhes outros caminhos. Mesmo assim, fazemos uma importante ressalva: isso se dará sempre que a aprendizagem tenha sido realmente incorporada, pois a posse de um simples certificado nada poderia significar. O que realmente importa será alcançar um nôvo plano de capacidade para a solução dos problemas que a vida e a profissão venham a impor.

Podemos contudo supor que, na maioria dos casos, o aluno capaz de concluir o curso primário chegue a apresentar essa evolução favorável. Logo, a nossa resposta ao quesito anterior poderá ser afirmativa para êsses alunos. Mas estará a escola atendendo também à outra grande parte de alunos, que não consegue, apesar de esforços por vêzes penosos, terminar o curso primário?

Não nos parece possível uma resposta afirmativa, neste caso.

Mesmo admitindo que um pequeno núcleo dêste segundo grupo possa sentir-se satisfeito por se ter precarìssimamente alfabetizado, e por ter aprendido o manuseio mecânico das quatro operações, isto não acarretará, via de regra, modificações significativas em suas condições vitais. Seria preciso para êsse fim que suas reais virtualidades fôssem treinadas e levadas a um mais alto ponto de rendimento. O aluno que apresenta um nível mental defici-

tário não deixa de evidenciar aptidões susceptíveis de serem desenvolvidas e capazes de lhe permitirem real progresso no plano vital e profissional. O que não parece lógico é querer insuflar à fôrça um tipo de aprendizagem abstrata e referencial aos que não apresentam condições para podê-la assimilar. Isto parece quase tão irracional como ensinar pintura a um cego. A única diferença entre esta paradoxal comparação e a realidade dêsses casos é que uma pequena parte daquela aprendizagem ainda poderá ser assimilada por êsses alunos dentro de um limiar baixo e variável nos indivíduos. Limiar que, de qualquer forma impede a conclusão de um currículo oficial. *Logo, nestes casos, a aprendizagem tal como está organizada, perde sua autêntica finalidade.*

Quais as perspectivas de solução, ante êsses problemas?

Parece-nos que se abrem dois caminhos, os quais, longe de se excluírem viriam completar-se:

1º — Promover, dentro do currículo da escola supletiva Cursos Técnicos, de iniciação (em certos casos de especialização e aperfeiçoamento) profissional, a fim de que todos os alunos encontrem, independentemente de seu nível mental, condições reais para progredir no plano vital e ocupacional. Seria conveniente que os alunos fôssem selecionados por meio de testes e outras provas adequadas, no intuito de encaminhá-los à especialização que melhor atendesse não sòmente a seus interêsses, mas também a suas aptidões.

Nesse sentido sugerimos a criação de uma espécie de "Senai-Senac", em nível elementar, não se excluindo a hipótese de um convênio com essas entidades, em que os alunos de nível médio poderiam, sob certa supervisão, participar do ensino e da orientação aos alunos de nível elementar.

2.º — Criar níveis especiais, com caráter persistente, para ministrar a êsses alunos uma aprendizagem lenta, visando alcançar o ponto máximo que cada um pudesse atingir. Isto é, com continuidade dos itens previstos no programa: a passagem de um ponto para o outro não seria mais determinada pelo fator tempo e sim pelo fator aproveitamento dos alunos.

Salientamos que a reforma do programa em 6 níveis em vez de 4 anos, favorece indubitàvelmente os alunos normalmente dotados, isto é, os que podem realmente concluir o primário; mas agrava a dificuldade dos menos dotados.

Para êsses alunos, aliás, a execução de um programa predeterminado torna-se questão secundária. O programa não passa de um recurso abstrato de organismos escolares. Nesse caso, deve-se abandonar seu andamento formal, para aproximar-nos da realidade concreta e humana de cada aluno, oferecendo-lhe aquilo que êle realmente pode *receber,* para que se torne capaz de evoluir, de progredir e de *dar* por sua vez, o melhor de si, ao grupo social. Desta forma, alcançará, realmente, melhor ajustamento, ou condições de vida mais equilibrada, dentro de suas possibilidades.